Camila Escudero

Universidade Metodis-
ta de São Paulo, São
Bernardo do Campo, SP,
Brasil.

Entrevista com Raúl Hernando Osorio Vargas

O jornalismo como ciência não iluminista

Raúl Hernando Osorio Vargas é professor titular do Programa de Periodismo da Facultad de Comunicaciones da Universidad de Antioquia, Medellín, uma das universidades mais antigas da Colômbia. Nasceu em 1954, em Bogotá, e se formou em Comunicação pela Universidad Jorge Tadeo Lozano. Fã de cinema, se arriscou, no início da carreira, na produção de filmes, mas como ele mesmo diz, bem-humorado, “era muito difícil seguir aquele ditado de Glauber Rocha, uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”. Passou a exercer jornalismo, atuou como repórter, colunista e editor em diferentes veículos.

A carreira acadêmica teve início em 1986, quando passou a dar aulas na Universidade em que se graduou. O aperfeiçoamento, entretanto, veio em 1996, ao ser aceito no curso de mestrado da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Mudou-se para o Brasil e, sob a orientação de Cremilda Medina, fez mestrado, doutorado e foi convidado, pelo professor Edvaldo Pereira Lima, a ser professor e posteriormente diretor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, UNIUBE, em Minas Gerais.

Em 2009, voltou para Colômbia após passar no concurso para a Universidad de Antioquia. Suas pesquisas envolvem as temáticas da reportagem, narra-

tivas, memória, transculturação, epistemologia, entre outras. Atualmente ele trabalha pela implantação do primeiro mestrado em Jornalismo em uma universidade pública da Colômbia que, caso “os trâmites no Ministério da Educação deem certo”, terá a primeira turma no final de 2019 ou início de 2020. E está montando ainda, com colegas da universidade, o doutorado em comunicação.

A seguir, os principais trechos da entrevista concedida à Comunicação & Sociedade.

Um de seus campos de pesquisa é o Jornalismo. Como você o definiria hoje como objeto, métodos, caminhos teóricos?

Raúl Hernando Osorio Vargas: As pessoas que eu considero pioneiras, entre outras, nos estudos de jornalismo são Barbosa Lima Sobrinho, Nilson Lage, Luiz Beltrão, Adelmo Genro, Cremilda Medina e o Eduardo Meditsch que em seu trabalho de mestrado publicado em 1992, com o título *O conhecimento do Jornalismo*, propõe o jornalismo como uma forma de conhecimento do mundo e demonstra as implicações dessa opção epistemológica. Ele afirma, entre outras coisas, que fazer jornalismo, não é só a cobertura em si, mas todo o processo de produção jornalística que envolve um conhecimento especial e importante para a sociedade e para a democracia. A partir desses autores e com todo o desenvolvimento que tem sido feito no Brasil nos diferentes cursos de mestrado em jornalismo e com a criação do doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente, foram sendo construídas as bases para mostrar diferentes caminhos de que o jornalismo produz um conhecimento e que, em um momento determinado, pode chegar a ser

chamado de ciência, mas uma ciência não iluminista. Assim como antropologia, em alguma época, ou mesmo a sociologia, quando nasceram, foram áreas das ciências sociais e humanas que tiveram que passar por um período de consolidação, de pesquisas teóricas baseadas fundamentalmente na experiência de mostrar que podem ou podiam ser chamadas de ciências. Acho que o mesmo vai acontecer com o jornalismo. Todas as pesquisas feitas no Brasil e no mundo sobre a história, o desenvolvimento dos estudos do jornalismo a partir de Tobias Peucer, Max Weber, Ferdinand Tönnies, Otto Groth, Robert Park, Edward Roos, Walter Lippmann, nos permitem criar uma base muito consolidada de teorias e epistemologias do jornalismo. Mas acho que neste momento ainda falta, e temos que aprofundar que o jornalismo, nas suas entranhas, comporta uma metodologia própria chamada de reportagem com seus métodos e técnicas, que não se referem só as formas de fazer jornalismo, mas podem servir. Essa é uma hipótese que temos que demonstrar, para fazer estudos teóricos e epistemológicos sobre a construção das teorias do jornalismo.

Seu livro, *El reportaje como metodología del periodismo: una polifonía de saberes* (Editorial Universidad de Antioquia, 2017), vai muito nesse sentido, não?

RHOV: Sim. Meu livro propõe essa ideia, pela primeira vez, dentro do que conheço e não quero ser metido (risos). Veja, os gêneros jornalísticos e não só, mas os gêneros literários também, têm sido estudados como gêneros, mas talvez falta o que eu chamo de "giro epistemológico" para que eles sejam vistos não só como gêneros, ainda que sejam e nunca vão deir-

nar de ser, mas sejam vistos e estudados como métodos de pesquisa. Então, fui procurar historicamente como foi que nasceu a palavra reportagem, sua raiz latina etc. E mostro no livro que ela tem, em sua essência, vários tempos que se movimentam entre si. Explico: Nela, está o presente, o passado e o futuro. Nela, não está só implicado um gênero jornalístico que existe no mundo todo, mas que a reportagem é uma metodologia. E é uma metodologia composta por três métodos: a observação simples, a observação participante e a entrevista como método – muito na linha do trabalho pioneiro da Cremilda Medina, que considera a entrevista como diálogo possível. Nesse sentido, nessas ações, nesse “fazer”, destacam-se a experiência e a vivência muito baseadas nas ideias de Walter Benjamin, que foi quem mais trabalhou esses aspectos nas ciências humanas e sociais, quando ele mostra na história o quanto é importante a questão da percepção, da sensibilidade, da experiência e da vivência das pessoas. Então, é claro que a entrevista não pertence unicamente ao jornalismo. É um método fundamental, por exemplo, da psicanálise. Mas no jornalismo, ela não pode ser vista apenas como uma ferramenta, como uma chave que abre uma fechadura. Isso é uma visão limitada por parte de alguns pesquisadores. Claro, ela serve como uma ferramenta. Mas ela é mais que isso. No fundo, a fusão de entrevistas e escrita é um processo de transculturação. Gabriel García Márquez disse que quanto mais escrevia menos conseguia distinguir os gêneros do jornalismo, e afirmou que é impossível não reconhecer que a entrevista – não como gênero, e sim como método – é a fada madrinha da qual se nutrem todos os gêneros. Mas que não lhe parecia

um gênero em si mesma, como tampouco lhe parecia que o seja o roteiro com relação ao cinema. Assim, ela é um método importante do jornalismo que precisa ser estudado, aprofundado. Eu estou estudando essa hipótese. Acho que a semiótica tem muito a contribuir e outras áreas do conhecimento também. Não só para entender a reportagem como metodologia para o fazer jornalístico e para produzir matérias, mas também para fazer uma reflexão profunda sobre o jornalismo e seu conhecimento. É traçar uma epistemologia do jornalismo.

Na sua opinião, como fica a questão da narrativa jornalística hoje frente aos avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)?

RHOV: Esse é o grande desafio que temos no mundo contemporâneo. E não é só um desafio do jornalismo, mas de todas as ciências humanas e sociais. Porque as tecnologias mudaram, mas existe uma coisa importante que não devemos perder de vista: é que nós somos fundamentalmente seres humanos e por isso temos uma parte racional e uma parte sensível. Essa parte das sensações é fundamental e não podemos perdê-la. Ainda que se faça ciência, e já temos muitos estudos sobre isso, como os de Edgard Morin, Michel Maffesoli, Gaston Bachelard, Carl Jung etc., e à medida em que o mundo vai “evoluindo” (entre muitas aspas), nós podemos ficar mecanizados e isso é um grande perigo que ocorre em todas as áreas, como a medicina, as engenharias. Sendo assim, não podemos perder de vista que somos pessoas, seres sensíveis e que essa parte nos poderá salvar de uma catástrofe porque as novas tecnologias, claro, trazem novas formas de narrar. Por exemplo, as

transmídias são narrativas criativas, aprofundadas... as reportagens virtuais são novos caminhos. A chamada RV – *realidade virtual* – que tem dado como resultado o *Jornalismo Imersivo*. Nonny de la Peña, pioneira nesse tipo de reportagens que submergem na pobreza de Los Ángeles o da vida em Aleppo, foi premiada no Festival de Sundance e seus trabalhos são financiados pelo Google, Associated Press e o Tribeca Film Institute. De la Peña, nos diversos vídeos que ela submete ao Youtube, afirma que o avanço da *realidade virtual* é imparável e será essencial no jornalismo. Ela considera que os jornalistas serão cientes, muito rápido, de que a *realidade virtual* tem uma capacidade única para situar os espectadores na cena de um acontecimento, ao invés de observá-lo de fora, e essa forma poderosa os seduz emocionalmente. Além disso, ela explica que a RV se adapta especialmente a um tipo de história, eventos significativos que têm lugar em um cenário determinado, e que as pessoas apreenderão rápido e expressarão: “isso deveria ser contado com RV”. Ao mesmo tempo, De la Peña adverte que devemos ter cuidado na hora de fazer ditas cenas e obedecer às melhores práticas jornalísticas. Mas no centro, sempre estará o Humano Ser. Nesse sentido, eu volto a citar a Cremilda Medina e gosto muito da proposta dela do “humano ser”, ou seja, aquele que, no fundo da alma e sentimentos, não perde a sensibilidade. E já existem pesquisas importantes sobre como lidar com as novas tecnologias dentro do contexto das narrativas. Além do mais, a tecnologia não deve ser vista só como tecnologia, como ferramenta. Ela também é um caminho, é um método, é um processo para chegar em algum lugar. Dar à tecnologia a sensibilidade que precisa o

humano ser para se sustentar no mundo hoje. Esse é o desafio contemporâneo. É dizer, a metodologia da reportagem é uma relação sistêmica com o quadro evolutivo das diversas épocas em que o jornalismo há transitado, ou está transitando, com sua transdisciplinariedade, ética e o diálogo com os diversos métodos-saberes das ciências sociais e humanas.

Você circula bastante entre o Brasil e a Colômbia. Como vê o campo da pesquisa em comunicação nesses dois países? Quais as principais semelhanças, diferenças?

RHOV: O Brasil está muito adiantado em relação a alguns países da América Hispana, excetuando o Chile, a Argentina e o México, que provavelmente são os países do continente que têm o maior número de pesquisas em jornalismo. Mas com relação ao que chamamos de países da região andina, Equador, Venezuela, Bolívia, Peru, Colômbia, temos um pequeno atraso com relação ao desenvolvimento da pesquisa sobre jornalismo. Ainda que, por exemplo, na área da comunicação, no geral, haja estudos profundos e pioneiros, que o professor José Marques de Melo, do Brasil, em várias oportunidades, ressaltou em seus trabalhos. Ainda estamos consolidando uma área. Há um marco importante: em 1995, Gabriel García Márquez criou a Fundação Novo Jornalismo Ibero-americano, e isso ajudou muito as pesquisas da área e que se concrete uma reciclagem dos jornalistas, na profissionalização da atividade. Mas sempre é preciso avançar. Veja o exemplo do meu livro: ele tem duas partes. Uma sobre as teorias brasileiras, que eu estudei quando morava no Brasil, e outra sobre as teorias colombianas, que eu passei a olhar com

outros olhos quando voltei para meu país. Porque eu tinha a ideia de que aqui não havia sido feito nada, mas não. Tínhamos, sim, muitas coisas importantes, muitos avanços, estudos sérios. Então, os dois últimos capítulos são as contribuições colombianas. E isso extrapola a visão de que a reportagem nasceu só com o desenvolvimento do capitalismo, ou seja, fim do século 19, começo do século 20. Isso está correto, mas os gêneros não dependem apenas da parte da evolução da tecnologia, ou seja, passar da imprensa antiga, para os tipos móveis, as novas rotativas e atualmente, os meios virtuais. Mas os gêneros-métodos se evoluíram pelo aperfeiçoamento de uma visão de mundo daqueles repórteres.

Na sua opinião, o que a formação do jornalista na universidade pode ajudar nesse avanço?

RHOV: Vou dar um exemplo. Recentemente, nós conseguimos reformular nosso “*De la Urbe*” Laboratório e Sistema de Meios da graduação em Jornalismo da Universidade de Antioquia. E com todas as dificuldades que temos na universidade pública, aqui como em qualquer parte do mundo, nós conseguimos novos equipamentos, muito mais avançados. Então, estamos pensando que esse espaço será base não apenas para a graduação, onde os alunos aprenderão a fazer reportagens, praticar as técnicas jornalísticas, etc. Ele será um laboratório para que os novos alunos do mestrado façam pesquisas sobre os experimentos que estamos realizando sobre as novas tecnologias e como o jornalismo pode evoluir. Poderá ser um centro, por exemplo, para compreender esse grande problema que temos em todo o planeta, que são as notícias falsas (*fake news*). Ou ainda, e lembrando

aqui a teoria da informação que se fundamentava na lógica matemática, um centro que analise o papel do novo jornalista, suas funções e como se dá o cruzamento desse profissional com equipes de engenheiros, de técnicos. Consideramos que o laboratório da graduação deve estar integrado com o mestrado e que os pesquisadores da pós-graduação devem trabalhar de forma integrada com os repórteres da graduação. É dizer que não existe uma separação entre teoria e prática, porque na vida real não existe. Acreditamos que essa separação entre ciências aplicadas e ciências teóricas não deve existir mais. Que elas caminham juntas. Superando as matrizes do positivismo que teria “imunizado” as ciências humanas do “Humano Ser”. Essa é nossa proposta, de que tanto o mestrado como o doutorado estejam na alma do laboratório de narrativas da faculdade. Claro que há desafios. No caso da universidade pública, somos poucos professores concursados e, às vezes, por conta da titulação, da carreira, etc., nos afastamos da graduação. Mas queremos que nossa pós-graduação seja um lugar de experimentação dessa proposta.

Poderia falar um pouco sobre sua participação em associações em prol da pesquisa do Jornalismo e da Comunicação, em geral?

RHOV: Eu participo ativamente da Associação Colombiana de Pesquisadores em Comunicação. ACICOM. Nela, desenvolvemos trabalhos com universidades públicas e privadas de jornalismo e estamos tentando fortalecer as atividades. Tenho participado também da Cátedra Unesco que funciona em Bogotá, na Universidade Javeriana, a exemplo da que vocês têm aí, na Universidade Metodista, no Brasil. E

estamos tentando estreitar as relações com os países andinos porque acreditamos que os pesquisadores desses países têm muito a dizer, mas que não conhecemos aquilo que eles têm feito. A visão andina é uma cultura que tem muito a dizer nas novas propostas das mídias, do jornalismo e da comunicação.

Camila Escudero

Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: camila.escudero@metodista.br.